

**O ETHOS NA OBRA QUEM ME ROUBOU DE MIM?
O SEQUESTRO DA SUBJETIVIDADE
E O DESAFIO DE SER PESSOA**

Cristiane Helena Parré Gonçalves (UFGD)
cristianeparre@yahoo.com.br

RESUMO

Esse artigo pretende analisar o *ethos* discursivo apresentado no livro *Quem me Roubou de Mim? O Sequestro da Subjetividade e o Desafio de Ser Pessoa*, escrito pelo padre Fábio de Melo. Teremos como pressupostos teórico-metodológicos a análise do discurso de linha francesa, que nos possibilita uma abordagem interdisciplinar, articulando texto às condições sócio-históricas de produção do discurso. Fábio de Melo é formado em filosofia e teologia e dedica-se a trabalhar na evangelização por meio da arte. Observa-se, nessa obra, uma reflexão do ser humano devido às condições socio-discursivas em que perpassam o seu discurso. Essa obra surge no campo do discurso de autoajuda, fazendo com que as pessoas aspirem resgatar a liberdade, das quais foram subjugadas as maus tratos de um cativo, numa qualidade de vida melhor.

Palavras-chave: Discurso de autoajuda. *Ethos* discursivo. Cenografia

1. Introdução

O presente texto visa estudar um recorte da obra *Quem me Roubou de Mim? O Sequestro da Subjetividade e o Desafio de Ser Pessoa*, verificando o *ethos* apresentado no livro citado, por meio do discurso de autoajuda. Para realizar tal estudo, buscaremos suportes teóricos metodológicos na análise do discurso de linha francesa, mais precisamente em Maingueneau que aborda tal assunto.

O livro foi escrito pelo padre Fábio de Melo que, além de padre, é professor universitário, escritor, compositor e conselheiro espiritual no canal de televisão Canção Nova, com o programa Direção Espiritual. Escritor de vários livros, Fábio de Melo, busca trazer, nessa obra, as diversas maneiras que a subjetividade pode ser sequestrada e o que isso acarreta no ser humano.

Partindo desse ponto de vista, teremos como suporte teórico metodológico a análise do discurso de linha francesa, que possibilita analisarmos como o discurso de autoajuda se constrói por meio do *ethos* e da cenografia.

2. O discurso

O discurso, em um primeiro momento, apresenta-se como uma enunciação qualquer em que um locutor a utiliza. No entanto, essa definição pode ser ambígua, pois o discurso pode significar tanto o “sistema que permite produzir um conjunto de textos, quanto o próprio conjunto de textos produzidos” (MAINGUENEAU, 2013, p. 57) como é o caso do discurso religioso que pode ser um conjunto de textos produzido pelos religiosos, quanto ao “sistema que permite produzir esses textos” (*op. cit.*).

Dessa forma, Maingueneau (*op. cit.*, p. 58) argumenta que a noção do discurso é muito utilizada por ser “o sintoma de uma modificação em nossa maneira de conceber a linguagem”. Essa maneira de caracterizar o discurso decorre de algumas correntes das ciências humanas sob o nome de pragmática que vê o discurso como uma apreensão da comunicação verbal.

Ao caracterizar o discurso como uma apreensão verbal, Maingueneau (2013, p. 58-62) apresenta algumas características essenciais como:

- Uma organização situada para além da frase, ou seja, os discursos são unidades completas.
- É orientado, isto é, o discurso ocorre em um determinado tempo, apresenta uma finalidade e dirige-se para algum lugar.
- É uma forma de ação, ou seja, tem o intuito de modificar uma situação.
- É interativo, precisa ocorrer uma troca verbal entre dois um enunciador e um coenunciador.
- É contextualizado, para atribuir sentido ao discurso ele precisa estar dentro de um contexto, pois um mesmo discurso enunciado em dois lugares diferentes caracteriza dois discursos distintos.
- É assumido por um sujeito – para que ocorra um discurso é necessário que haja um enunciador responsável por ele.
- É regido por regras, todo discurso implica normas particulares.
- É considerado no bojo de um interdiscurso, ou seja, todo o discurso parte de um outro discurso, pois cada gênero de discurso tem sua maneira de tratar a multiplicidade das relações interdiscursivas.

Falar em interdiscurso é trazer para o debate a heterogeneidade enunciativa uma vez que um discurso sempre parte de um outro anterior para se constituir. Essa heterogeneidade apresenta de forma mostrada ou constituída. A primeira relaciona-se aos aparelhos linguísticos, como:

discurso citado, autocorreções etc. Já a segunda, refere-se às marcas invisíveis do enunciado de outro que está ligada ao texto, mas que não pode ser percebida por uma abordagem linguística. A hipótese apresentada por Maingueneau é que essa heterogeneidade constitutiva se liga a uma relação inextrincável, “o Mesmo do discurso e seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p. 32).

Sendo assim, é no primado do interdiscursivo que analisaremos a construção do *ethos* da obra *Quem me Roubou de Mim? O Sequestro e o Desafio de Ser Pessoa*, uma vez que nos permite analisar a rede semântica que “coincide com a definição das relações desse discurso com seu outro” (MAINGUENEAU, 2008, p. 35-36).

3. *Ethos e cena da enunciação*

Ao falar em cena da enunciação, deve-se caracterizá-la da seguinte forma: cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante está relacionada à pragmática do discurso, ou seja, ela integra um tipo de discurso: publicitário, filosófico. A cena genérica faz parte de um subgênero do discurso: o sermão, o editorial. E a cenografia é a cena de fala em que o discurso se realiza. A cenografia não é um espaço construído, propriamente dito, mas é o lugar em que “a enunciação se instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala” (MAINGUENEAU, 2008, p. 70). De acordo com o analista do discurso há gêneros de discurso que ficam somente em uma cena, como é o caso da cena genérica, que não vão mais além, permitindo outras cenografias. Outros escolhem uma cenografia, como é o caso dos gêneros literários, publicitários etc.

Enfim, tanto as cenografias como o *ethos* estão entrelaçados, pois é por meio deles que o discurso surge e vai sendo legitimado pelo enunciador. É através dos conteúdos desenvolvidos pelos discursos que se tornam possíveis especificarem e validarem o *ethos*, bem como a cenografia.

Portanto, o *ethos* de um discurso interage em diversos fatores: o *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo, ou seja, o *ethos* mostrado, e fragmentos que o enunciador utiliza em sua enunciação, o *ethos* dito. A diferença entre o *ethos* dito e o *ethos* mostrado é muito tênue, pois se inscreve nos extremos de uma linha contínua. Já o *ethos* efetivo, que é construído pelo destinatário, tem como resultado a interação de diversas instâncias que pode variar de acordo com os gêneros de discurso. Maingueneau

(2008, p. 72) argumenta que:

Se cada conjuntura histórica se caracteriza por um regime específico dos *ethé*, a leitura de numerosos textos que não pertencem a nossa esfera cultural (no tempo e no espaço) é frequentemente dificultada não por lacunas graves em nosso saber enciclopédico, mas pela perda dos *ethé* que sustentam tacitamente sua enunciação. Quando vemos as coplas da *Canção de Roland* dispostas sobre uma folha de papel, é difícil restituir o *ethos* que a sustentava. Ora, o que é epopeia senão um gênero de desempenho oral? Sem ir tão longe, a prosa política do século XIX é indissociável dos *ethé* ligados as práticas discursivas, as situações de comunicação desaparecidas.

Logo, a questão do *ethos* está ligada diretamente a enunciação e é o fiador, que ao se expressar, que possibilita identificar um acordo com o mundo que ele supostamente faz surgir. Assim, o poder de persuasão do discurso é levar o destinatário a identificar-se com o movimento de um corpo, por mais complicado que seja inserido a valores especificados historicamente.

Ao trabalhar com o *ethos*, deve-se ter em mente que sempre haverá um coenunciador que ativa no “intérprete a construção de determinada representação de si mesmo, pondo em risco seu domínio sobre sua própria fala” (MAINGUENEAU, 2008, p. 73), cabe ao enunciador, portanto, cuidar dos signos que ele produz. Em matéria de *ethos*, há várias possibilidades de exploração em função do tipo e do gênero do discurso, cabe ao estudioso escolher em que disciplina irá abordá-lo.

4. A noção de *ethos* discursivo

De acordo com Maingueneau (2011), para refletir sobre o *ethos*, faz-se necessário buscar na retórica de Aristóteles, primeiro estudioso a se interessar pelo assunto, os empregos por ele utilizado.

Aristóteles, em sua retórica, apresenta uma *techné* com o intuito de o orador dar uma boa impressão a fim de convencer o auditório, ganhando a confiança, por meio da construção do discurso. Dessa forma, o destinatário deve ser capaz de atribuir sentidos ao que está sendo enunciado.

O *ethos* envolve tudo que está relacionado à enunciação discursiva; a escolha das palavras, o jeito de se portar, o tom de voz, os gestos etc. cujo objetivo é emitir uma imagem positiva do orador. Portanto, o *ethos* se apresenta de uma forma dinâmica, em que o coenunciador o constrói pelo movimento da fala do enunciador. Sendo assim, o *ethos* não

age no primeiro plano, mas de uma forma lateral, pois procura trabalhar com a afetividade do destinatário.

A escolha da palavra, o planejamento textual, o ritmo em que o locutor utiliza contribui para que o *ethos* mobilize a afetividade do intérprete com o intuito de obter informações do material linguístico e do ambiente. De acordo com Maingueneau (2008, p. 61), o problema mais delicado é relacionar o *ethos* a um comportamento, pois o enunciador articula verbal e não verbal com o intuito de instigar efeitos no destinatário que vão além das palavras.

Sem limitar-se a retórica de Aristóteles, concordando com algumas ideias, Maingueneau (*op. cit.* p. 62) apresenta alguns pontos que poderão ser explorados:

- o *ethos* é uma noção discursiva; ele se constitui por meio do discurso, não é uma imagem do locutor exterior à fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro;
- o *ethos* é uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada.

É sob esse olhar que Maingueneau (2008) desenvolveu sua concepção de *ethos*. Ao trabalhar a noção de *ethos* na análise do discurso, analisou também o *corpus* que aparece nos gêneros. Esses gêneros constituídos querem sejam monológicos ou dialogais, “ocupam papéis preestabelecidos que permanecem estáveis durante o evento comunicativo e seguem rotinas, mais ou menos precisas no desenvolvimento da organização textual” (*op. cit.* p. 63).

Portanto, para o analista do discurso, o *ethos* vai além da persuasão, pois o que interessa, para a análise do discurso, é analisar todo o processo discursivo.

5. O fiador

O *ethos* torna-se interessante porque ele articula corpo e discurso em uma extensão diferente da oposição empírica entre oral e escrito. O que se observa, por meio do discurso, é uma voz que está associada a um enunciador em um tempo e espaço específico.

Enquanto a retórica teve olhos somente para a oralidade do *ethos*, para a análise do discurso, o *ethos* pode ser observado por meio do texto escrito, uma vez que ele apresenta uma vocalidade que está relacionado à característica do enunciador, ou seja, a um fiador. É por meio desse fiador que o texto apresenta um tom, isto é, aquilo que está sendo dito e, esse tom, pode ser visto tanto no texto oral, quanto no escrito.

O *ethos*, nessa perspectiva, vai além da dimensão verbal, pois ele associa características físicas e psíquicas a um fiador pelas representações coletivas. Aqui, pode-se atribuir ao fiador um caráter e uma corporalidade que varia de acordo com o texto. Por caráter pode-se entender os traços psicológicos, já a corporalidade é entendida ao aspecto físico e a maneira de vestir do locutor. Outro aspecto que envolve o *ethos* é o espaço social que ele ocupa, pois é ele que caracteriza seu comportamento. Cabe, portanto ao destinatário, identificar-se positiva ou negativamente ao conjunto de representações sociais que esse fiador apresenta em sua enunciação, que pode contribuir para transformar ou reforçar seu posicionamento em determinado contexto.

Como a incorporação do leitor vai além da identificação da personagem fiadora, ela implica em um mundo ético em que o fiador dá acesso. Esse mundo está relacionado a um estereótipo cultural ligado a um determinado comportamento, em que a mídia atual explora maciçamente, como é o caso do mundo ético dos executivos etc.

Para designar o termo incorporação, Maingueneau (2008, p. 66) propõe três registros:

- a enunciação da obra confere uma corporalidade ao fiador, ela lhe dá corpo;
- o destinatário incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo habitando seu próprio corpo;
- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um corpo, da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso.

No entanto, não se pode dizer que a incorporação é um processo uniforme, pois ela se apresenta de acordo com o gênero e o tipo de discurso. O *ethos* de um texto escrito não implica em manter uma relação direta com o fiador encarnado, socialmente determinado.

Portanto, não há possibilidade de trabalhar o *ethos*, somente do ponto de vista da retórica tradicional, por meio da persuasão, mas faz-se necessário levar o coenunciador a participar da cena da enunciação, “com

o mesmo estatuto que o vocabulário ou os modos de difusão que o enunciado implica por seu modo de existência” (MAINGUENEAU, 2008, p. 69-70). O discurso não é somente um pano de fundo e de forma, mas uma organização e um modo de legitimar a cena de fala.

6. Análise do corpus

O livro *Quem me Roubou de Mim? O Sequestro da Subjetividade e o Desafio de Ser Pessoa* apresenta relatos de histórias de pessoas que passaram por qualquer tipo de agressão, seja ela física ou psicológica.

O autor parte do interdiscurso, para construir uma rede semântica com o intuito de relacionar um discurso com o outro. Esse outro se encontra na raiz de um mesmo e não há necessidade de ser localizável no discurso, “ele é aquele que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite encerrar-se em um todo”, ou seja, ele “é aquela parte do sentido que foi necessário o discurso sacrificar para construir a própria identidade” (MAINGUENEAU, 2008, p. 38).

É dessa interação que ocorre o caráter dialógico de todo enunciado do discurso, pois o imbricamento do mesmo e do outro faz com que a coerência semântica seja retirada das formações discursivas todo caráter de essência.

Ao trazer à tona o sequestro da subjetividade Fábio de Melo trabalha o tempo todo com o eu e o tu, pois faz o coenunciador se identificar com algum relato apresentado em seu livro.

Nesse livro podem-se perceber alguns campos discursivos que são: o campo discursivo de autoajuda, o campo discursivo filosófico, o campo discurso religioso, o campo discurso teológico etc.

Para desenvolver o seu livro, Fábio de Melo parte de uma cenografia mostrando ao coenunciador como pode ocorrer o sequestro da subjetividade, apresentando vários relatos que agridem o ser humano. Destacamos o relato abaixo, para mostrar como esse sequestro pode ocorrer:

Ela chegou em mim com os olhos cheios de medo. Bonita, nascida em uma família bem estruturada, a menina começou a relacionar-se com um amigo do colégio. No início, era apenas uma aproximação despreziosa, e por isso a família não via a necessidade de intervir. “Coisa de adolescente”, como dizem os mais velhos.

Os encontros eram ocasionais e o rapaz nem chegou a conhecer os familiares dela. Ele não se interessava em conhecer o seu mundo, confessou-me na

tentativa de vencer o medo.

A história começou a ficar mais séria, quando, meses depois, os pais perceberam os maus resultados no colégio. Pela primeira vez, a garota tinha um desempenho insatisfatório; fora brilhante até então. Com tais resultados surgiu também uma tristeza desoladora. A menina mergulhou num processo terrível. Tentou duas vezes o suicídio.

Aquela menina, que, até então, tinha uma vida tranquila, cheia de sonhos e amigos, agora tinha que enfrentar um quadro depressivo profundamente perigoso.

Levada a um terapeuta, finalmente as razões do sofrimento foram conhecidas.

A menina estava apaixonada pelo rapaz há mais de um ano e, desde que ficaram juntos pela primeira vez, ele a transformara num objeto de seu prazer. Ao contrário do que ela sempre dizia, nunca namorou o rapaz. Ele mantinha um relacionamento de mais de dois anos com uma outra menina. Ela era a “outra” e sempre soubera disso.

Com apenas dezesseis anos, aquela menina já tinha enfrentado, sem o conhecimento de seus pais, os perigos de um aborto caseiro, feito por meio da ingestão de comprimidos, com o intuito de expulsar o filho indesejado de seu ventre. Ele a obrigara a fazer tudo isso.

As humilhações eram comuns. Ela confessou-me que o rapaz só a tratou carinhosamente nas primeiras semanas. Assim que ele percebeu o sucesso da conquista, seu comportamento mudou. Ele não tinha o menor respeito por ela. Não a procurava, senão para sua satisfação pessoal. A menina cumpria o papel de “prostituta socializada”.

Ela sabia de tudo isso, mas não adiantava saber. A razão do seu sofrimento era essa. Ela não conseguia romper com ele. Ela havia perdido a capacidade de dizer “não” aos pedidos dele. Por mais que reprovasse seu próprio comportamento, ela temia fechar o único acesso dele à sua vida.

O conflito ficou estabelecido e naturalmente a angústia e o sofrimento chegaram. Aquele rapaz mantinha a pobre menina num cativeiro afetivo. Tratava-a da pior maneira, mas, vitimada, ela desaprendeu a dizer “não”.

Sem dizer “não”, consentia uma espécie de invasão, uma violência velada que tinha o poder de minar e fragilizar sua subjetividade, colocando-a novamente nas mãos de seu sequestrador.

O medo de romper totalmente com o rapaz estava impedindo-a de tomar a decisão certa para sua vida. Ela mesma não queria abrir as portas do cativeiro. Preferiu reduzir a sua vida àquele espaço miserável que lhe era oferecido.

Desprovida de amor próprio, resignou-se a viver como objeto de prazer de seu sequestrador. Perdeu de vista a sacralidade de sua condição humana. Deixou de ser pessoa. Regrediu no processo. Renunciou a toda autonomia, fruto da educação dada pelos pais. Preferiu perder sempre em vez de perder uma única vez. (MELO, 2009 p. 44-46)

Ao lermos esse relato, percebe-se que Fábio de Melo parte de uma cena genérica, ao utilizar o discurso de autoajuda e constrói um espaço para que esse discurso sobressaia.

Desse modo, a enunciação vai se instaurando progressivamente à medida que Fábio de Melo instiga o coenunciador a buscar sua identidade. Ao falar de identidade, explica que é “uma maneira da pessoa se afirmar o que é ou não, pois o tempo todo estamos reivindicando o que somos e também renunciamos o que não somos” (MELO, *op. cit.* 18).

É por meio da identidade que a pessoa pode construir e explorar suas possibilidades. Ao negá-la todas as potencialidades ficam fragilizadas. “É por essa razão que o sequestro do corpo é uma agressão contra a identidade da pessoa” (*op. cit.* 19), pois ela provoca um esquecimento do que realmente a pessoa é.

Ao trazer para o centro da discussão o sequestro da subjetividade, Fábio de Melo constitui um *ethos* apresentando para o seu coenunciador o lugar de onde fala. Fábio de Melo é padre e professor universitário, é conselheiro espiritual do programa de televisão Canção Nova e é graduado em filosofia e teologia, além de ter pós-graduação em educação, portanto traz em seu livro uma vocalidade que está relacionada ao lugar que ocupa, legitimando o discurso.

Cabe, portanto ao destinatário, identificar-se positiva ou negativamente ao conjunto de representações sociais que esse fiador apresenta em sua enunciação, que pode contribuir para transformar ou reforçar seu posicionamento no contexto em que está inserido.

7. Considerações finais

A partir do livro *Quem me Roubou de Mim? O Sequestro da Subjetividade e o Desafio de Ser Pessoa*, foi possível analisar o *ethos* discursivo que compõe essa obra.

Esse *ethos* suscitou no coenunciador não somente uma interpretação da enunciação, mas uma maneira de se identificar de alguma forma com o sequestro da subjetividade, quer ela seja física ou psíquica. Assim, o enunciador procurou levar o coenunciador a fazer uma análise no seu interior com o intuito de detectar algum tipo de agressão e como essa agressão pode ser curada, por meio do discurso de autoajuda.

Fábio de Melo por meio do interdiscurso trouxe para seu coenun-

ciador uma maneira de participar da cena da enunciação, identificando-se com algum tipo de sequestro. Através do meio discurso de autoajuda e do discurso religioso.

Portanto, percebe-se que não há possibilidade de trabalhar o *ethos*, somente do ponto de vista da retórica tradicional, por meio da persuasão, mas é necessário levar o destinatário a participar da cena da enunciação, pois ao estar inserido dentro do contexto enunciativo, o coenunciador, identifica-se com o enunciador e transforma o seu olhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAINGUENEAU, D. O *ethos*. In: _____. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Gênese dos discursos*. Trad.: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Cenas da enunciação*. Organizado por Sírio Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza e Silva. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Trad.: Maria Cecília Pérez de Souza e Silva; Décio Rocha. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MELO, Fábio de. *Quem me roubou de mim?* O sequestro da subjetividade e o desafio de ser pessoa. 71. ed. São Paulo: Canção Nova, 2009.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.